

SIMPÓSIO AT165

(DES)CAMINHOS DA LEITURA FEMININA NO SÉCULO XIX A PARTIR DO OLHAR DE ANNA RIBEIRO DE GOES BITTENCOURT

SILVA, Edinage Maria Carneiro da – GELC/UEFS
edinagecarneiro@gmail.com

A partir do Segundo Império, um cenário mais favorável à educação e instrução femininas começa a se delinear no Brasil, ainda que em um contexto de limitações e cerceamentos. Anna Ribeiro de Goes Bittencourt (1843-1930), típica representante da elite feminina do recôncavo baiano e fiel aos princípios católicos nos quais fora educada, surge como a primeira romancista baiana. Suas leituras e produções escritas visavam à confirmação e divulgação do conjunto de princípios e valores que julgava adequado para as mulheres de então. Ela se mostrava preocupada sobretudo com a possibilidade de que as leituras romanescas desencaminhassem as mulheres. Objetivamos traçar um breve perfil da escritora que, embora tenha alcançado um lugar como mulher e intelectual do século XIX, manteve-se fiel aos valores patriarcais então vigentes. Focaremos na sua formação como leitora e escritora. Para tal, buscaremos subsídios em textos dela própria: *Longos serões no campo*, livro de memórias escrito por volta dos 80 anos de idade, e o artigo “O romance. Às senhoras brasileiras e portuguesas”, publicado no *Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro para o ano de 1886*, em Lisboa (1885), e no periódico *A família*, no Brasil (1889).

Palavras-chave: Leituras; Século XIX; Mulheres.

WAYS FOR FEMALE’S READING IN THE 19TH CENTURY BY ANNA RIBEIRO DE GOES BITTENCOURT

Since the Second Empire a scenario more favorable to women's education and instruction begins to draw in Brazil, even if there were some many limitations. Anna Ribeiro de Goes Bittencourt (1843-1930) appears as the first writer of novels in Bahia. She was a typical representative of patriarchal family from “recôncavo” in Bahia. She was educated within Catholic principles and values. So, her readings and written productions had with objective at the confirmation and dissemination of the set of principles and values that she considered appropriate for women of her time. She worried about the possibility that some readings didn’t do well for women. We aim to trace a little profile of the writer who, although having reached a place as a woman and intellectual of the 19th century, she always validated patriarchal values. We will look at her as a reader and a

writer. For this, we will analyze the texts: “Longos serões no campo”, book of memories written when she was around 80 years old, and “O romance. Às senhoras brasileiras e portuguesas” published in “*Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro para o ano de 1886*”, in Lisbon (1885), and in the newspaper “A família”, in Brazil (1889).

Keywords: Readings; 19th Century; Women.

No contexto do século XIX, em que o mundo ocidental se construía sob os auspícios das teorias científicas, as diferentes sociedades e seus componentes passaram a ser lidos e interpretados à luz desses novos saberes. Naquele novo “mundo civilizado”, não se podia mais desconsiderar a necessidade de instruir a mulher, a fim de incluí-la na nova realidade. Os chefes de família da classe abastada se deram conta de que

[...] não era mais o bastante que as mulheres soubessem apenas dirigir a casa e governar os escravos. Tornava-se necessário, diria até imperioso, que as mulheres soubessem ler, escrever, conversar, que conhecessem, ao menos por informação, um pouco do mundo situado além dos muros de suas casas e das paredes das paróquias mais próximas. Em outras palavras, era necessário educar e cultivar as jovens (MANOEL, 2008, p. 24-25).

A educação das mulheres emerge, dessa forma, como uma demanda da nova ordem social. Mas tal prática não se daria sem certa carga de tensão e receio, visto que o aprendizado da leitura e da escrita poderia desencaminhar a jovem, poderia desvirtuá-la. Além das leituras consideradas “perigosas” para o “sexo frágil”, havia ainda a possibilidade da troca de correspondência entre a moça e um possível pretendente não aceito pela família. O tradicionalismo patriarcal arraigado na sociedade temia pela modernização, incluindo aí a extensão desse direito até então negado à mulher.

Os livros permitidos ao público feminino deveriam ser cuidadosamente escolhidos, para garantia da preservação da moral e dos bons costumes. Tal qual acontecera na Europa no século XVIII, quando o romance causou uma verdadeira revolução nos hábitos de leitura, no Brasil do século XIX não foi diferente. Por mais que se buscasse controlar o contato, sobretudo das mulheres

com eles, o gênero se impôs, conquistando um espaço considerável, no momento em que a prática da leitura por mulheres se tornava também mais evidente.

Anna Ribeiro de Goes Bittencourt (1843-1930), considerada a primeira romancista baiana, viveu sua infância e juventude em dois engenhos de cana de açúcar, no interior da Bahia, bem distante da corte, em cujas ruas centrais as mulheres das classes abastadas se movimentavam. Filha única, teve como primeira mestra a própria mãe, mulher extremamente católica, que procurou inculcar-lhe os melhores ensinamentos morais.

Mostrou-se leitora ávida, ainda que a sua iniciação no mundo das letras tenha se dado tardiamente, por problemas de saúde: “Mostrei grande facilidade para leitura, e meus pais ficaram encantados, atribuindo aquilo à excepcional inteligência, sem levarem em conta o meu desejo de ler [...]” (BITTENCOURT, 1992, p. 70). O aprendizado da leitura, tendo a mãe como facilitadora, ocorre em tempo separado do da escrita. A partir do momento em que dominava completamente o processo, os cuidados se dobravam, a fim de que ela só tivesse acesso aos livros morais, recomendados para as moças.

Ao inteirar-se da educação oferecida às moças de seu tempo, Anna Ribeiro comporta-se segundo os padrões desejáveis, evitando, sobretudo, os comportamentos tidos como frívolos ou levianos. Sob a pressão da família e dos mais velhos que a cercavam, alcançou a juventude consciente do perfil desejado para uma boa moça: “Se eu dizia qualquer coisa com o modo frívolo ou leviano característico da minha idade, logo me advertiam de que aquilo era impróprio de uma menina ajuizada e eu, que não sabia dizer coisa melhor, ficava calada.” (BITTENCOURT, 1992, p. 87).

Na residência dos Goes, livros circulavam com relativa facilidade. A mãe de Bittencourt os possuía, embora gostasse de ler principalmente a Bíblia; muitos dos parentes e amigos que frequentavam a casa também eram possuidores de livros, quase sempre colocados às ordens da dona da casa, quer em forma de empréstimo, quer em processo de trocas, favorecendo o contato da jovem com eles. As narrativas a fascinavam, desde as mais infantis, passando pelas

histórias bíblicas tão lidas ou (re)contadas de cor por sua mãe, nos longos serões na fazenda, àquelas envolvendo as heroínas dos folhetins, conforme as suas confissões escritas após os 80 anos de idade.

O casamento em 1865, aos 22 anos, com o então estudante de medicina Sócrates Bittencourt ajudaria a intensificar a sua vida cultural, ainda que tenha continuado, a pedido do pai, a residir no engenho, para que o genro passasse a administrar a propriedade.

Em 1885, já tendo publicado dois romances (*A filha de Jephthé*: romance tirado da Escritura Sagrada - 1882 - e *O anjo do perdão* - 1883), escreve um interessante artigo sobre o gênero, analisando a pertinência da leitura dele por mulheres. Com o título, “O romance. Às senhoras brasileiras e portuguesas”, o texto sai, inicialmente, no *Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro para o ano de 1886*, publicado em Lisboa. No Brasil seria publicado posteriormente no periódico *A família*, de 09 de fevereiro de 1889, desta feita apenas com o título “O romance”. Nele podemos perceber a preocupação da autora com a condição e condução da leitura feminina, visto que já era incontestável o fato de as mulheres serem leitoras de romances. Segundo a escritora, ainda que houvesse muitos a alertar sobre a inconveniência de tais leituras, elas monopolizavam a biblioteca das leitoras, no pouco tempo que lhes restava para esta atividade, visto que a mulher, na condição de solteira ou casada, tinha seu tempo quase sempre preenchido por afazeres domésticos ou cuidados com a toalete.

Anna Ribeiro pondera sobre os perigos que o romance podia representar como passatempo daquelas mulheres que não queriam se limitar à insípida rotina doméstica:

Pegam um romance e procuram uma agradável distração enquanto o corpo descansa. Infelizmente porém o que elas muitas vezes aí encontram são perigosas teorias que matam os são princípios da moral que beberam nas sábias lições maternas; terríveis paradoxos, confirmados por fatos imaginários, que apresentando-se com os arrebiques dados por hábeis pinceis, e vistos à luz fantástica de uma imaginação exaltada, facilmente seduzem um espírito inexperiente (BITTENCOURT, 1889, p. 5).¹

¹ A atualização ortográfica deste texto de Bittencourt (1889) e de outros que se seguem publicados também no século XIX é de nossa responsabilidade.

Preocupava-se com o fato de as mulheres, principalmente as mais jovens, inclinarem-se para os romances menos recomendados. Assim, ainda que admitisse que fosse difícil a afinidade da juventude com os romances morais ou religiosos, Anna Ribeiro faz a alerta: “Para a mulher moça, dotada de imaginação viva, existe verdadeiro perigo em certas leituras. Por isso alguns severos pais de família ainda se lembram de proibi-los às suas filhas, conseguindo apenas dar-lhes o sabor do fruto proibido” (BITTENCOURT, 1889, p. 5).

As observações e conselhos coadunam com o modelo de educação e instrução que ela julgava conveniente para mulher daquele momento. Demonstrando ser uma leitora atuante, discorre sobre alguns romancistas europeus e o brasileiro José de Alencar, aponta “inconveniências” nas obras deles quando lidas por mulheres, notadamente jovens. Para a escritora, boa parte dos autores já consagrados pelo público de então trazia as suas restrições. Assim ela pondera sobre as qualidades literárias, mas também faz ressalvas a romancistas como Julio Verne, Alexandre Herculano, Alexandre Dumas, Eugene Sue e José Alencar, único autor brasileiro por ela citado no artigo. Deduz-se facilmente que, ao apontar obras com restrições para apreciação pelas jovens, Anna Ribeiro partia da experiência que ela mesma empreendia enquanto leitora; portanto, as suas leituras iam além dos romances aconselhados para mulheres.

Para ela, o ideal seria que lessem os romances morais e religiosos, mas reconhecia que não agradavam à mocidade que deles fugia pelo fato de não comportarem peripécias mais emocionantes. Daí a dificuldade de se manter o controle sobre a prática das leituras romanescas: inevitavelmente o “fruto proibido” chamava mais a atenção, provocava maior desejo. Ela faz referência a autores religiosos, embora admita que já se encontrem fora da ordem do dia, isto é, pareçam não mais atrair o público leitor jovem e feminino:

Haja vista as obras do Abade Bayle, de Villa-frauche, do Cardeal Wiseman, e outros aliás mui proveitosas por tratarem de história romana tão necessária a todo aquele que não quer ser taxado de completa ignorância. Demais estes autores preconizam o desprezo do luxo e das honras mundanas, e consideram a vida religiosa como a verdadeira perfeição.

Tais ideias estão deslocadas na época atual.

Temos Escrich, e talvez outros que podem ser lidos sem perigo; e conquanto alguns o acusem de falta de imaginação, entendo

que suas obras podem servir de passatempo moral e proveitoso às jovens senhoras (BITTENCOURT, 1889, p. 6).

O texto busca convencer sobretudo as mães a acompanharem as leituras de suas filhas. Reconhece não ser uma tarefa fácil, mas as aconselha a não descuidarem dela: “Compete portanto às mães, [...] a elas, que com suas mãos hábeis e carinhosas moldam estes seres tenros, e moralmente falando, maleáveis como a cera, velar uma escolha dos romances que gostam de ler” (BITTENCOURT, 1889, p. 6).

Para a escritora, melhor seria que os romances dirigidos às mulheres igualmente fossem escritos por mulheres, conhecedoras do coração feminino: “Cumpra, portanto, às mulheres, que conhecem mais que os homens o coração feminino, fazer composições que não se ressintam dos inconvenientes que acima indiquei” (BITTENCOURT, 1889, p. 6).

Anna Bittencourt não cita nenhum romance escrito por mulher, insinuando que não o faz porque, na sua visão, até aquele momento, nenhuma escritora tinha se preocupado com a elevação dos conteúdos, mas apenas com a conquista e o reconhecimento do público e da crítica: “É verdade que muitas mulheres têm escrito romances bastante aplaudidos, [...] porém é incontestável que não tinham em mira moralizar a mocidade de seu sexo e sim granjear um nome na literatura” (BITTENCOURT, 1889, p. 6). Pensando assim, as mulheres escritoras também eram responsáveis pela escrita de livros não recomendáveis ao próprio gênero.

Estrategicamente, no final do texto, depois dos esforços empreendidos para convencer as leitoras do valor dos romances morais e religiosos, Anna Ribeiro apresenta dois romances de sua autoria: *A filha de Japhte*: romance baseado na Escritura Sagrada (1882) e *O anjo do perdão* (1883). É interessante trazer as suas palavras:

Escrevendo “A filha de Japhte” e “O anjo do perdão”, procurei dar um impulso a este gênero de romance. Faltando-me porém as habilitações e o tempo, faço um apelo às minhas companheiras para que trilhem esta senda honrosa onde terão a glória de concorrer para o engrandecimento do nosso sexo, ampliando-lhe a instrução e moralidade, principais motores de sua completa reabilitação (BITTENCOURT, 1889, p. 6).

Fica claro também que a escritora visa à boa recepção de seus romances, e por isso, após ponderar sobre a escrita de autoria masculina, termina por questionar a escrita romanesca de autoria feminina, visto que, em sua concepção, também não se enquadraria no modelo ideal. Autores masculinos são citados, mas Anna Ribeiro não deixa escapar nenhum nome feminino. Seria uma estratégia para não dar visibilidade a outras escritoras, suas concorrentes?

Fiel à “construção de uma literatura para mulheres que fosse condizente com o modelo de mulher que ela julgava adequado e necessário à sociedade” (FONTES, 1999, p. 634), Anna Ribeiro escreveu sete romances: *A filha de Jephthé*: romance tirado da Escritura Sagrada (1882), *O anjo do perdão* (1885), *Helena* (1901), *Lúcia* (1903), *Letícia* (1908), *Abigail*: romance baseado na Escritura Sagrada (1921-1922) e *Susana*, inédito mesmo após a morte da escritora. Neles, buscou colocar em prática os princípios defendidos no artigo, conforme podemos ver no prólogo de *Letícia*, de 1908:

Não me dirijo aos homens repletos de conhecimentos científicos e literários. Falo a vós, minhas jovens patrícias, que dotadas de inteligência e gosto, não vos contentais com fúteis passatempos, e procurais na leitura amena uma agradável diversão ao espírito, colhendo ao mesmo tempo lições e preceitos que irão vigorar os princípios morais que já possuis, dados por uma boa e sólida educação doméstica. [...] Procuo, todavia, em meus romances sustentar, em tese qualquer preceito de sã moral, que julgo próprio a formar o caráter da mulher e a fortalecê-la para as lutas da existência, de sorte que ela jamais possa descer do pedestal da virtude de onde somente lhe é permitido exercer a sagrada missão de anjo do lar, como filha, irmã, esposa ou mãe (BITTENCOURT, 1908, p. V e VI).

Se, para ela, a mulher deve conformar o seu comportamento aos princípios morais e religiosos e aos limites que a sociedade lhe impõe, rechaça o romance realista, ao passo que enaltece os romances romântico e religioso, bons veículos das lições morais desejadas. Fica evidente o empenho de Anna Ribeiro em ser uma espécie de baluarte da preservação dos bons costumes da família patriarcal e seus romances veículos através dos quais empreenderá forte campanha em favor da preservação do papel da mulher como guardiã dos bons

costumes. Como os romances ocupam as horas de lazer da mulher, é necessário que a leitura deles não se constitua fútil passatempo, mas um momento de reflexão acerca dos valores morais e de reforço da ideia de que é preciso preservá-los.

Referências:

BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Goes. *Letícia*: romance original. Salvador: Litho. Typ e Encadernação Reis & C, 1908.

BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Goes. *Longos serões do campo*: infância e juventude. Organização e notas Maria Clara Mariani Bittencourt. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. Vol. 2.

BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Goes. O romance. *A família*, Rio de Janeiro, p. 5-6, 9 de fev. 1889.

FONTES, Nancy Rita Viera. *A bela esquecida das letras baianas*: a obra de Anna Ribeiro. Dissertação de Mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1998.

MANOEL, Ivan. *A Igreja e Educação feminina (1859-1919)*: uma face do conservadorismo. Maringá: Eduem, 2008.